

Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação de sensibilidade

Marcos Ferreira Santos¹

Resumo

Este artigo trata de aspectos relativos a uma determinada educação de sensibilidade com base na mito-hermenêutica, aprofundada pelo autor em conferências proferidas na Universidad de Deusto (Bilbao), que resultaram na publicação: *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação*. O plano de *Crepusculário* discorre sobre três momentos que se configuram importantes para uma discussão mais ampla de educação: o entardecer pedagógico, o amanhecer mítico e a crespularidade ancestral. A mitohermenêutica apresenta-se como estilo filosófico - no sentido de manter uma atitude de inquietação e questionamento e, também, como método de investigação - no sentido de estabelecer procedimentos sistemáticos de pesquisa acadêmica. O título *Crepusculário* homenageia Pablo Neruda, um outro *Crepusculário* antecessor, publicado em 1923, o primeiro livro de poesias do poeta chileno.

Palavras-chave: *Crepusculário*; Razão sensível; Mitohermenêutica; Educação de sensibilidade.

Abstract

This This article deals with aspects related to the education of sensibility with basis on the myth-hermeneutics, which has been deeply analyzed by the author in conferences that have taken place at the Universidad de Deusto (Bilbao) and that resulted in the publication: *Crepuscule: Conferences on myt-hermeneutics and education*. The plan of *Crepuscule* discourses on three important configurations for a broader discussion of the education: the twilight pedagogical, the mythical dawn and the crepuscule ancestral. The title honors the poet Pablo Neruda, the original *Crepuscule* was the first book written by the chilian author Pablo Neruda, published in 1923.

Keywords: *Crepuscule*; Sensitive reason; Myth-hermeneutics; Education of sensibility.

1. Livre-Docente em *Cultura & Educação* da Faculdade de Educação - USP; Pós-Doutoramento em Hermenêutica Simbólica pela Universidad de Deusto (Bilbao) e Professor visitante da Universidad Complutense de Madrid (Espanha); Doutor em Filosofia da Educação. Professor da Faculdade de Educação da Universidade São Paulo (USP).
Email: marculus@uol.com.br

Desde el fondo de ti, y arrodillado,
 un niño triste, como yo, nos mira (...)
 Por sus ojos abiertos en la tierra
 veré en los tuyos lágrimas un día.
 (Amo el amor de los marineros
 que besan y se van.
 Dejan una promesa.
 uelven nunca más.
 En cada puerto una mujer espera:
 los marineros besan y se van.
 Una noche se acuestan con la muerte
 en el lecho del mar.)
 Fuí tuyo, fuiste mía. Tu serás del que te ame,
 del que corte en tu huerto lo que he sembrado yo.
 ... Desde tu corazón me dice adiós un niño.
 Y yo le digo adiós.
 (Pablo Neruda, Crepusculario, 1923)

Nos espaços crepusculares, regiões limítrofes, lugares de trânsito e de trocas, encontramos¹ velhas figuras de maestria: um tecelão, ferreiro, sapateiro, peregrino, jardineiro. Antigos ofícios que, apesar das pós-modernidades, impregnam nossa imaginação e nossos saberes e fazeres, germes de mundos ainda por vir, engravidando-nos de sentidos neste mundo repleto de *non-sense*, de encenações, de blefes e dissimulações. Curioso paradoxo da história: o tão propalado progresso avança e, ao mesmo tempo, descuida de ofícios tão plebeus, tão pobres e trabalhadores, corporais e humildes, braçais. Ainda sim, ofícios tão sábios e antropológicos no sentido mais radical do termo: vinculados ainda à *Sophia* (sabedoria como saber feminino da sensibilidade expresso na alma do mundo, *anima mundi*) e vinculado ao *anthropos* (imagem de ser humano que organiza nossa visão de mundo e nossas atitudes).

É deste universo de antigos ofícios re-encontrados em Euskal Herria, *o povo que fala Euskara*, que venho partilhar minhas reflexões sobre *a velha educação de sensibilidade*. As conferências que proferi em Euskadi (País Basco, ao norte da Espanha) como professor visitante de *Hermenêutica Simbólica* na Universidad de Deusto (Bilbao), Universidad del País Vasco (Euskal Herriko Unibertsitatea) e Zenbat Gara - Centro de Cultura y Lengua Euskara (Bilbao), publicadas em “Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica e educação”, se deram durante minha estadia acadêmica naquele país para a investigação em nível pós-doutoral intitulada “*Crepusculo del Mito: Hermenêutica y Antropología de la Educación en Euskal Herria y Ameríndia*”, financiada pela FAPESP, posteriormente, transformada em minha tese de livre-docência (2004) na Faculdade de Educação da USP, na área de Cultura & Educação, cujos resultados serão publicados em breve e que espero estejam acompanhados dos cucos, ovelhas, montanhas, regatos, sinetes, rochas, árvores e ventos vividos em suas paisagens.

Como professor visitante da Universidad de Deusto, junto ao Prof. Dr. Andrés Ortiz-Osés, catedrático de Hermenêutica Simbólica daquela universidade, dividimos algumas aulas nos cursos de graduação e ministrei um ciclo de conferências voltadas ao exercício da mitohermenêutica conforme minhas inquietações na interface com a Cultura e a Educação, mediados pela Arte.

A partir de várias sincronicidades (para usar um conceito tipicamente junguiano), as falas nas conferências demonstraram a proximidade e amizade profícua entre nossos estilos que, apesar de distantes, geograficamente, sinalizavam uma convergência deveras significativa, tanto de forma como de conteúdo no horizonte de uma *filosofia latino-mediterrânea*.

Desde minha chegada a Bilbao e a imersão no mundo vasco pelos caminhos da Vizcaya mágica, por Zaldú, Dima, Lamindao, Sorgiñetxe, San Miguel de Aralar, Leze, Areatza (entre outros

lugares) e, sobretudo, o clímax vivido em Asterria no caserío de Altzorripe; as reflexões que aqui já possuíam uma base material corpórea e vivencial foram aguçadas ainda mais com a cosmovisão matrial que dialogava em mim com o nosso matrialismo quéchua e guarani. Fui longe dialogar com o mais dentro de mim.

O plano de Crepusculário discorre, portanto, sobre as minhas reflexões em três momentos que me parecem importantes na discussão mais ampla sobre educação:

1. O entardecer pedagógico: momento em que, auxiliados pelas noções básicas com que trabalhamos no estilo reflexivo e no método de investigação mitohermenêutica, relativizamos o componente heróico e diurno presente na discussão educacional (o embate político-epistemológico, as espadas conceituais, as bandeiras de luta, as trincheiras teóricas) para preparar o terreno de uma educação de sensibilidade que retorna à discussão pela porta da cozinha. Aqui se relativiza, igualmente, o *escolacentrismo*, tentando evidenciar que o processo educacional atravessa todo o *percurso formativo* das pessoas para além das instâncias formais da necessária educação escolar. Portanto, não se trata de nenhum modismo ou nova metodologia salvadora, mas, tão-somente, de um diálogo com experiências mais ancestrais que o âmbito ocidental-iluminista de nossa educação escolarizante, na construção social de seu esquecimento, legou ao preconceituoso baú das *práticas primitivas e/ou exóticas*;

2. O amanhecer mítico: momento em que exemplificamos a utilização deste arcabouço ou entramado mitohermenêutico em situações e fenômenos mais particulares e seu diálogo intenso, em especial, com a Arte; seguindo a tradição da antropologia filosófica desde Ernst Cassirer, atravessando os *Eranos Jahrbuch* e todos os cientistas e pensadores, mitólogos e antropólogos, que participaram do Círculo de Eranos de 1933 a 1988; e

3. A crepuscularidade ancestral: momento que finaliza o plano da obra com a retomada das noções de ancestralidade como alternativa de re-ligação e re-leitura (*re-ligare e re-legere*) da contemporaneidade com as contribuições de um estilo hermenêutico que situa, antes de qualquer outra empresa, a compreensão de si mesmo como ponto de partida, meio e fim de toda *jornada interpretativa*. A pessoa como ponto de tensão na construção cotidiana de sua *humanitas* entre as pulsões de sua subjetividade e desejo de transcendência e as intimações e resistências do mundo concreto.

É neste sentido que o exercício de uma razão sensível se inscreve num re-encantamento do mundo como renascimento temporão. O clássico (aquilo que persiste apesar do tempo e, principalmente, por tradição oral) é o alimento que buscamos neste fim de tarde contemporâneo, visualizando um amanhecer talvez nem tão radiante, talvez nem tão angustiante, mas que, sem dúvida, nos exige uma ação e um centramento interior.

O Crepusculário pode ser entendido como aquele momento específico, ao final da tarde, no trânsito entre o dia e a noite, quando os insetos todos se agitam em busca de alimento. Como prelúdio da noite, sobrevoam o espaço claro do dia trazendo em suas asas a barra da noite. Incomodam, picam, zunem... Animais de hábitos crepusculares como a serpente, por exemplo, começam a circular pelos caminhos a procura de alimento. Deixam a inércia do descanso sob o sol, poupando energias, e saem anunciando a chegada da noite. Período propício para naturalistas e biólogos acompanharem a etologia das várias espécies. Momento propício também para ser picado... Descem as serpentes arborícolas das árvores e adentram o chão. Outras saem do solo, potência telúrica e ctônica, e buscam os galhos das árvores, os paióis, os celeiros...

Momento difuso por excelência, limítrofe, liminal, tem como motivação básica de seus seres a busca de alimento... seres liminais como as lârnias, as sorgiñas, as *brujas de Mari* (númens bascas), as mouras (númens gallego-portuguesas) buscam o encontro, o alimento, quem sabe, interlocutores... em sua face terrífica, sem interlocução, é que se revelam vampirescas...

O Crepusculário que chega às mãos dos leitores é, exatamente, a busca de alimento, de interlocução e de vagar limítrofe...

Aqui é preciso também confessar motivações ainda mais primevas e adolescentes. O título é devedor e homenagem, singelamente, um outro Crepusculario antecessor. Publicado em 1923, é o título do primeiro livro de poesias do poeta chileno, Pablo Neruda. Prêmio Nobel de literatura em 1971, candidato à presidência do Chile pelo governo da Unidad Popular, desiste da candidatura apoiando Salvador Allende que será o primeiro presidente socialista que chega ao poder pelo voto no processo democrático. Sonho vivido por pouco tempo numa América Latina de muito patriarcalismo, autoritarismo e latifúndios. Ricardo Neftalí Reyes Basoalto, nascido em 1904 em Parral, falece em Santiago de Chile em 1973, de desgosto e negligência, sob as botas negras de um setembro golpista *a que nadie perdona*.

Na leitura de Neruda aprendi a musicalidade do castellano latino, misto de quéchua e mapuche, misto de arauco e silêncio, aprendi o sotaque chileno, o gosto pelo vinho e o engajamento social, a percepção da potência feminina, a resistência indígena e a fraternidade obreira. Aprendi a aprender com a paisagem e a entender os seres que a habitam e a cantam. Os que lutam por ela, *Pachamama*, mãe-terra concreta e lívida, terra-mãe distante das abstrações nacionais e dos contratos sociais estatais de um modelo burguês e liberal. De maneira brilhante e autêntica, Cortazzo Uruguay nos relata o impacto desta percepção para rever o seu próprio etnocentrismo ideológico: “lembro o impacto que me causou escutar um *quechua* ao dizer que eles não precisavam do socialismo branco, porque o socialismo deles já existia desde há muito tempo e, além disso, não tinham que lutar, interiormente, contra o individualismo” (CORTAZZO, 2001, p. 7).

Diz Neruda em seu Confesso que vivi:

aossados pelos conquistadores espanhóis, depois de trezentos anos de luta, os araucanos se retiraram até daquelas regiões frias. Mas os chilenos continuaram o que se chamou ‘pacificação da Araucanía’, isto é, a continuação de uma guerra a sangue e fogo para desapossar nossos compatriotas de suas terras. Contra os índios todas as armas foram usadas com generosidade: disparos de carabina, incêndio de suas choças, e depois, de forma mais paternal, empregou-se a lei e o álcool (NERUDA, 1980, p. 11).

Pois é desta *Araucanía* que extraio meu pseudônimo para as apresentações em palestras musicais sobre cultura latinoamericana e as manifestações contra o golpe chinelo, no final dos anos 70, ainda num clima permeado pela perseguição dos órgãos de repressão da ditadura militar: Marcos Arauco. *El brujo*, diziam alguns amigos, pois vestia sempre um poncho negro equatorial, alternando os instrumentos de corda (violão, charango e cuatro venezolano), bombo legüero e sopro (quenás, antaras e tarkas) nas apresentações. Levava às últimas conseqüências a concepção mais política e social da criação poética aprendida com o mestre de Temuco: “sempre sustentei que a tarefa do escritor não é misteriosa nem mágica, mas que, pelo menos a do poeta, é uma tarefa pessoal, de benefício público. O que mais se parece com a poesia é um pão ou um prato de cerâmica ou uma madeira delicadamente lavrada, ainda que por mãos rudes”(NERUDA, 1980, p. 53). Se exercitava um foquismo guerrilheiro nas intervenções de ação cultural. Espírito libertário que ainda permanece em minhas práticas cotidianas e educativas.

Entre as *caracolas marinas*, garrafas vazias e esculturas de proa de velhos barcos, Neruda compunha em sua casa de *Isla Negra* um universo de pequenas lembranças, imagens de amigos e utopias, a dimensão diminuta de grandes sensações que formaram o alimento das odes, dos poemas e da materialidade dos versos. Entre a concretude líquida do mar aberto e a pulsação das rochas, o tempo viaja do dia para o coração da noite na barca rubra do poente ao ritmo triste do cais. Lentos crepúsculos...

Aquí te amo y en vano te oculta el horizonte.
Te estoy amando aún entre estas frías cosas.
A veces van mis besos en esos barcos graves,
que corren por el mar hacia donde no llegan.

Ya me veo olvidado como estas viejas anclas.
 Son más tristes los muelles cuando atraca la tarde.
 Se fatiga mi vida inultamente hambrienta.
 Amo lo que no tengo. Estás tú tan distante.
 Mi hastío forcejea con los lentos crepúsculos.
 Pero la noche llega y comienza a cantarme.
 La luna hace girar su rodaje de sueño.
 Me miran con tus ojos las estrellas más grandes.
 Y como yo te amo, los pinos en el viento,
 quieren cantar tu nombre con sus hojas de alambre.
 (Pablo Neruda, Poema 18, Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada, 1924).

A atuação de Neruda durante a guerra civil espanhola, expressa e impressa no livro *España en el Corazón*, nutrido-se do anarquismo fraterno daquelas primeiras experiências e que o fez encher um navio (o *Winnipeg*) de refugiados da perseguição franquista para o Chile em 1939, já demonstrava as imagens do ético jardim epicurista (*képos*) e da cultura das culturas, valores com os quais hoje eu dialogo na perspectiva de retomar a educação e a formação de educadores sob o viés da sensibilidade: “os espanhóis de minha geração eram mais fraternais, mais solidários e mais alegres que meus companheiros da América Latina. Comprovei, ao mesmo tempo, que nós éramos mais universais, mais familiarizados com outras línguas e outras culturas” (NERUDA, 1980, p. 120).

As manchas de sangue das primeiras edições impressas sob bombardeios² maculavam os versos com a dor da cidade de *Gernika* bombardeada em sua autogestão e autonomia representada no carvalho, *gernikako arbola*, a árvore de Gernika - desde a antiguidade. A grande dor que motivou a maior obra pacifista do século nas mãos de Picasso. Entre outras ressonâncias profundas de minhas leituras adolescentes de Neruda, fui buscar aquelas impressões ao visitar a árvore de Gernika no País Basco. Euskal Herria continua expressando seu desejo de liberdade e exercício de autonomia ao vento sob os pinheiros e nas *ikastolas* (escolas comunitárias de euskara) que saíram dos caseríos das montanhas para povoar as cidades com o ensino da língua euskara e da mitologia basca, mesmo sob a forte repressão e proibição do período do General Franco. Hoje, as *ikastolas* possuem índices de qualidade que tentam alcançar a escola pública do Estado espanhol.

Neste sentido é que busco consolidar uma mitohermenêutica como hermenêutica simbólica de cunho antropológico que se apresenta tanto como estilo filosófico - no sentido de manter uma atitude de inquietação e questionamento; como método de investigação - no sentido de estabelecer procedimentos sistemáticos de pesquisa acadêmica. Esta mitohermenêutica, na reflexão sobre a educação, se debruça sobre a interpretação das obras da arte e das culturas, mas, principalmente, situa a compreensão de si mesmo como ponto de partida, meio e fim de toda jornada interpretativa. Portanto, não se trata de uma simples técnica de interpretação, mas uma **jornada interpretativa** em que o hermeneuta se instala na paisagem cultural das obras com que trabalha, viaja ao seu interior e reconstrói os sentidos de tal imersão.

Ése fue mi destino y en él viajó mi anhelo,
 y en él cayó mi anhelo, todo en ti fue naufragio!
 De tumbo en tumbo aún llameaste y cantaste.
 De pie como un marino en la proa de un barco.
 Aún floreciste en cantos, aún rompiste en corrientes.
 Oh sentina de escombros, pozo abierto y amargo.
 Pálido buzo ciego, desventurado hondero,
 descubridor perdido, todo en ti fue naufragio!
 Es la hora de partir, la dura y fría hora
 que la noche sujeta a todo horario.
 El cinturón ruidoso del mar ciñe la costa.
 Surgen frías estrellas, emigran negros pájaros.

Abandonado como los muelles en el alba.
Sólo la sombra trémula se retuerce en mis manos.
Ah más allá de todo. Ah más allá de todo.
Es la hora de partir. Oh abandonado!
(Pablo Neruda, La Canción Desesperada, Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada, 1924).

Abandonado como o cais ao crepúsculo, movendo os tempos, retorcendo as sombras nas mãos, na hora de partir; a mescla de geógrafo, viajante e romancista, faz do hermeneuta alguém que parte, constantemente, para re-encontrar-se.

No panorama matutino de uma *gnose*, isto é, o conhecimento do meu mundo interior no interior do mundo, a jornada interpretativa pressupõe deixar o lugar seguro das certezas primeiras para mergulhar no acaso, no ocaso de um crepúsculo que nos ensina o panorama maior, o ciclo que nos ultrapassa e que nos envolve.

Diz o poeta:

é preciso caminhar na escuridão e se encontrar com o coração do homem, com os olhos da mulher, com os desconhecidos das ruas, dos que a certa hora crepuscular ou em plena noite estrelada precisam nem que seja de um único verso... Esse encontro com o imprevisto vale pelo tanto que a gente andou, por tudo que a gente leu e aprendeu... É preciso perder-se entre os que não conhecemos para que subitamente recolham o que é nosso da rua, da areia, das folhas caídas mil anos no mesmo bosque (NERUDA, 1980, p. 274).

Assim sendo, a jornada interpretativa, que se pode entender como *gnose*, se dá numa **intelecção amorosa**, isto é, num amor inteligente que ama a própria compreensão. Esta atitude epistemológica de uma *intelecção amorosa*, característica de uma filosofia latino-mediterrânea, se transforma, rapidamente, numa *inteléquia jactante*; ou numa palavra epicúrea: permeado de pão e vinho junto aos amigos, pois a amizade é o bem supremo. Abrir-se ao contingente, ao inesperado, ao imprevisto no interior do mais cotidiano banal.

Se va la poesía de las cosas
o no la puede condensar en mi vida?
Ayer - mirando el último crepúsculo -
yo era un manchón de musgo entre unas ruinas (...)

Sangre de un arrebol sobre los cerros,
Sangre sobre las calles y las plazas,
Dolor de corazones rotos,
Padre de hastíos y de lágrimas
Un río abraza el arrabal como una
Mano helada que tienta en las tinieblas:
Sobre sus aguas
Se avergüenzan de verse las estrellas (...)
Y aquí estoy yo, gritando entre las ruinas,
Mordiéndolo solo todas las tristezas,
Como si el llanto fuera una semilla
Y yo el único surco de la tierra.
(Pablo Neruda, Barrio sin Luz, Crepusculario, 1923).

O pranto que se transforma em semente e eu como o único sulco da terra a recebê-la, demonstra o caráter de fecundante do último crepúsculo: sangue poente sobre a serra, as ruas e as praças, dor de corações puídos; mas ao mesmo tempo, mancha de musgos sobre as ruínas, sinal úmido de vida sobre os destroços. Lágrima úmida que se espalha sobre o ar fecundando o frio com a semente translúcida e líquida da alma que escorre sobre a face.

Esta presença de *Eros*, pulsão de vida na libido que permeia a criação, a arte e a própria educação é a marca mais nerudiana de minhas reflexões no contraponto ao *destrudo* (pulsão de morte, *thanatos*) das instituições, burocracias e técnicas. É este universo erotizado que, como a fórmula de Mahatma Gandhi, a mística é a erótica da alma, nos permite transitar entre os universos míticos profundos nas obras da arte e da cultura, no anejar peregrino à busca de galpões: braseiro, cuia e canto em busca de si.

Com Neruda recebi a herança dos crepúsculos:

De tarde, ao pôr-do-sol, defronte à sacada, desenrolava-se um espetáculo diário que eu não perdia por nada deste mundo. Era o poente com grandiosos esbanjamentos de cores, distribuição de luz, leques imensos de alaranjado e escarlata. O capítulo central de meu livro chama-se ‘Os crepúsculos de Maruri’. Ninguém nunca me perguntou o que era Maruri. Talvez muito poucos saibam que se trata apenas de uma rua humilde, visitada pelos crepúsculos mais extraordinários (NERUDA, 1980, p. 52-53).

E é desta herança sensível que os apontamentos de uma educação de sensibilidade reafirmam a importância das estruturas de serem possibilitadas pelos vários sentidos (visual, tátil, auditivo, olfativo, gustativo, cinestésico, vibratório, sincrônico, etc...) como forma de diálogo com instâncias mais primevas de nossa psique.

Destas instâncias mais primevas, primordiais, ancestrais é que emerge uma das noções mais importantes desta jornada interpretativa na mitohermenêutica que é a própria concepção de *mito*. Aqui, o entendemos a partir do grego *mythós* (muqoz): “aquilo que se relata”, para sinalizar a diferença da concepção aqui adotada, como narrativa dinâmica (G. Durand) de imagens e símbolos que orientam a ação na articulação do passado (*arché*) e do presente em direção ao futuro (*télos*), isto é, num *pro-jectum* existencial a ser vivido (M. Eliade e G. Gusdorf).

O sentido mais difundido de “mito” como algo ilusório, fantasioso, falacioso, resultado de uma “má” consciência das coisas e das “leis” científicas, aqui, é descartado. Daí a importância também das metáforas, como *meta-phoros*, a figura de linguagem que vai além (*meta*) do sentido usual (*phoro*) das palavras, um além-sentido que impregna a imagem e explode a sua semântica, transportando os significados em sentidos diferentes. Para além de uma crítica de tipo literário, a mitohermenêutica, então, torna-se prática epistemológica e ontológica, de busca de sentido para a existência no diálogo profundo entre os percursos formativos, as histórias de vida, pessoais e coletivas, e as narrativas míticas.

Tal como a temperança (*sophrozyne*) do lento trabalho dos ferreiros, ao forjar entre os quatro elementos: da brasa do forno, do ar dos foles, da água que resfria e da terra no metal ou ferro a ser trabalhado é a aprendizagem da finitude e do tempo na bigorna dos crepúsculos.

Curioso percurso que vai se delineando em ressonâncias profundas: “os primeiros amores, os puríssimos, se desenvolveram em cartas enviadas a Blanca Wilson. Esta menina era filha do ferreiro” (NERUDA, 1980, p. 15).

E, em Crepusculário, nos grandes ensinamentos da noite, Neruda reafirma o lugar importante desta temperança no ferro negro que dorme, no bronze, nas ferramentas dependuradas nas paredes como grandes interrogações, nas bigornas e no soluço das almas dos obreiros mortos:

Fierro negro que duerme, fierro negro que gime
por cada poro un grito de desconsolación.
Las cenizas ardidias sobre la tierra triste,
Los caldos en que el bronce derritió su dolor.
Aves de qué lejano país desventurado
Graznaron en la noche dolorosa y sin fin?

Y el grito se me crispa como un nervio enroscado
o como la cuerda rota de un violín.
Cada máquina tiene una pupila abierta
para mirarme a mí.

En las paredes cuelgan las interrogaciones,
Florece en las bigornias el alma de los bronces
y hay un temblor de pasos en los cuartos desiertos.
Y entre la noche negra - desesperadas - corren
y sollozan las almas de los obreros muertos.
(Pablo Neruda, Maestranzas de la noche, Crepusculario, 1923)

Assim, a ancestralidade aparece como alternativa de re-leitura da contemporaneidade e sua complexidade, como o traço, de que sou herdeiro, que é constitutivo do meu processo identitário e que permanece para além da minha própria existência... Elementos constitutivos do processo identitário presentes no mito de origem e que são atualizados nas situações-limites (*die Grenzsituation*, diria Karl Jaspers), propiciando a religação (*re-ligare*) e releitura (*re-legere*) de nossa pessoa em relação a nossa querência.

A educação de sensibilidade, expressão pedagógica deste mito hefaísta dos ciclos e da forja, do equilíbrio dinâmico, da criação e da poiésis, das sandálias e do crepitar rubro-alaranjado da grande forja do poente e do nascente, do concerto entre os elementares e da religação da pessoa com a natureza de sua paisagem, pode ser subsumido como uma apologia do canto, nas duas acepções possíveis na língua portuguesa: como apologia de nossa forma de cantar, portanto, da expressão mais autêntica de nosso ser; e como apologia de nosso *canto*: nosso rincão, nosso lugar, pago e querência.

Lembrando o saudoso mestre folclorista argentino, Atahualpa Yupanqui, “só posso ser universal se eu cantar a minha aldeia” (FERREIRA SANTOS, 2002, p.135-152). Assim, podemos perceber, na primeira epígrafe de Neruda, a lição educadora do encontro furtivo de nossos cantos brotando de nossos cantos: “que fui teu e foste minha. Tu serás daquele que te ame, daquele que colha em teus campos o que semei eu... e desde teu coração me diz adeus uma criança. E eu lhe digo adeus”.

Dedicado a la memoria de Pablo Neruda,
desde nuestro Chile de parras y vinos, panes y sudor,
silencios y cantares, resistencia y araucanía...
a los sueños rojos de un crepúsculo libertario
que se han quedado en una negra isla.

Notas Explicativas

1. “se o destino for benevolente”, diria Jung, recitado no estilo magistral pelo professor José Carlos de Paula Carvalho.
2. “Acho que poucos livros, na história estranha de tantos livros, tiveram gestação e destino tão curiosos (...) os soldados do front aprenderam a manejar os tipos da gráfica (...) tudo era aproveitado do moinho, desde uma bandeira do inimigo à túnica ensangüentada de um soldado mouro. Apesar dos materiais insólitos e da inexperiência total dos fabricantes, o papel ficou bonito. Os poucos exemplares que restaram desse livro assombram pela tipografia e pelas páginas impressas em misteriosa manufatura (...) Meu livro era o orgulho desses homens que tinham trabalhado minha poesia num desafio à morte (...) a coluna imensa que caminhava ao desterro foi bombardeada centenas de vezes. Caíram muitos soldados, espalhando-se os livros na estrada (...) Além da fronteira trataram brutalmente os espanhóis que chegavam do exílio. Numa fogueira foram imolados os últimos exemplares daquele livro ardente que nasceu e morreu em plena batalha” (NERUDA, 1980, pp. 129-130).

Referências

CORTAZZO, U. *Índios y Latinos: utopías, ideologías y literatura*. Montevideo: Vintén Editor, 2001.

FERREIRA SANTOS, M. *Crepusculário*: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. 2. ed. São Paulo: Editora Zouk, 2005.

_____. *Crepúsculo do Mito*: Hermenêutica e Antropologia da Educação em Euskal Herría e Ameríndia. São Paulo: FEUSP, tese de livre-docência, 2004.

_____. A Mulher na visão de um filósofo. *Jornal APASE*, ano XIV, n. 127, p. 9, junho de 2004.

_____. *Práticas Crepusculares*: Mytho, Ciência e Educação no Instituto Butantan - Um Estudo de Caso em Antropologia Filosófica. São Paulo: FEUSP, Tese de doutoramento, ilustr., 2 vols, 1998.

_____. A Cultura das Culturas: Mytho e Antropologia da Educação. *Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas*, Pelotas/RS, v. 11, n. 18, p.135-152, 2002.

NERUDA, P. *Confesso que vivi*. São Paulo: Círculo do Livro, 8ª. 1980.

Recebido em 13/09/2006
Aprovado em 15/03/2007

Para citar este trabalho:

FERREIRA SANTOS, Marcos. Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação de sensibilidade. *Revista @mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: __/__/__